
A EDIFICAÇÃO DA CASA DE MÁQUINAS DA COMPANHIA HYDRAULICA PELOTENSE

MACHINE'S HOUSE EDIFICATION OF COMPANHIA HYDRAULICA PELOTENSE

Carolina Ritter¹
Graduanda em Arquitetura – UFPel
carolritterarq@gmail.com

RESUMO: O patrimônio industrial é um campo de estudos bastante recente. O conhecimento sobre as obras remanescentes da industrialização são fundamentais para subsidiar discussões sobre a preservação deste acervo. Nessa perspectiva, esta pesquisa busca compreender a edificação da Casa de Máquinas da antiga Companhia Hydraulica Pelotense, a partir da análise de aspectos estéticos e históricos da obra. A Hydraulica foi incorporada em 1871, com o propósito de abastecer a cidade de Pelotas com água encanada, sendo escolhido o arroio Moreira como ponto de captação. Na cidade, foi erguida a Caixa d'água da praça Piratinino de Almeida e foram instalados chafarizes para abastecer a população. Em poucos anos o sistema não suportava a demanda da cidade (Silveira, 2009) e foi necessário ampliar a rede de abastecimento, com a construção de uma série de obras, entre elas a Casa de Máquinas. Neste ensaio a abordagem será voltada à história da edificação e ao cotidiano da cidade durante o período de sua construção (1890-1895). A pesquisa que subsidiou estas reflexões foi realizada buscando confrontar as informações coletadas na imprensa local com os relatórios semestrais apresentados pela diretoria da Companhia a seus acionistas. Os periódicos selecionados foram o Diário Popular, o Correio Mercantil, Nacional e o Echo do Sul. A pesquisa nesses jornais revelou aspectos do cotidiano que permitiram conhecer a trajetória da edificação e destacar sua importância como patrimônio cultural da cidade.

PALAVRAS-CHAVES: Patrimônio industrial. Companhia Hydraulica Pelotense. Casa de Máquinas.

ABSTRACT: The industrial heritage is a very recent study field. Knowledge about industrialization remaining compositions is fundamentals to support discussions about preservation of this collection. In this perspective, this research seeks to understand the edification of Machine's House quondam Companhia Hydraulica Pelotense, from analysis esthetic and historical aspects. The Hydraulica was incorporated in 1871, with purpose to supply the city of Pelotas with canalized water, being chosen the stream Moreira as catchment point. In the city, was built the square Piratinino de Almeida's box water and were installed fountains to supply population. In a few years the system did not support the city demand and was necessary to increase supply network, with construction a series of build, between them, the Machine House. In this work intended to highlight an approach about aspects targeted at edification history and at daily city during period of their built (1890-195). The research that subsidized these thoughts was performed seeking crosscheck the information collected in the local press

¹ Trabalho orientado pela profa. Aline Montagna da Silveira, professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas – RS. Projeto de pesquisa com apoio financeiro da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul – FAPERGS, através de Auxílio Recém-Doutor – ARD, Edital FAPERGS nº 003/2012 (Processo SPI nº 0504 12-7).

with semiannual reports presented by Companhia's directory and their shareholders. The selected periodicals was Diário Popular, Correio Mercantil, Nacional and Echo do Sul. The research in these journals revealed daily aspects that allowed knowing the building trajectory and highlighting their importance as city cultural patrimony.

KEYWORDS: Industrial Heritage. Companhia Hydraulica Pelotense. Machine House.

Introdução

Este ensaio é um recorte do projeto de pesquisa “O patrimônio da industrialização em Pelotas no século XIX: um estudo sobre a Casa de Máquinas localizada junto ao arroio Moreira”, que tem como proposta investigar aspectos históricos da construção desta edificação da antiga Companhia Hydraulica Pelotense. A Casa de Máquinas foi construída pelo engenheiro Leon Cassan entre os anos de 1891 e 1894, junto a represa do arroio Moreira, atualmente na cidade de Capão do Leão, no sul do Rio Grande do Sul.

As instalações do local foram construídas ao longo de três décadas, desde a época da incorporação da Companhia, e pertencem atualmente ao Serviço Autônomo de Saneamento de Pelotas (SANEP). O local ainda hoje funciona como um dos quatro pontos de captação e tratamento de água para abastecer a cidade.

O interesse pelo edifício, objeto de estudo desta pesquisa, deve-se principalmente pelas suas características arquitetônicas, que não eram usuais na época e na região em que foi proposto, especialmente para obras de arquitetura industrial. Dessa forma, um dos objetivos do trabalho foi investigar as informações encontradas em fontes primárias na época de sua construção (principalmente em relação ao engenheiro responsável pelo projeto), as obras propostas e os serviços prestados pela Companhia.

Neste ensaio trataremos com mais ênfase dos resultados encontrados nos periódicos da época. A escolha da imprensa, como fonte de investigação, justificou-se por ser uma forma de buscar respostas para os questionamentos que não puderam ser respondidos através da pesquisa em documentos oficiais. Além disso, a imprensa diária possibilitou um novo olhar sobre o tema.

Diversos pesquisadores já utilizaram a imprensa como fonte de investigação. Os trabalhos de Gilberto Freyre, que estudou a sociedade brasileira no século XIX por meio de jornais, assim como alguns pesquisadores de destaque no meio universitário, entre eles Emília

Viotti da Costa, Fernando Henrique Cardoso, Stanley J. Stein, Nícia Vilela Luz e Leôncio Martins Rodrigues são citados por LUCA (2010). No caso específico de Pelotas, destacam-se os estudos de LOPES (2006/ 2007, 2013a e 2013b).

Os periódicos consultados neste estudo foram o Diário Popular (1890/2 a 1895/1), o Correio Mercantil (1893/1 a 1894/2 e 1895/2), o Nacional (1890/1 a 1891/1) e o Echo do Sul (1890/1 a 1891/2; 1894/1 [até março] e 1895/2 [a partir de setembro]) e uma edição especial no primeiro semestre de 1892 (GARCIA; LONER, 2000), todos disponíveis no acervo do Centro de Documentação e Obras Valiosas (CDOV), da Biblioteca Pública Pelotense.

Na seleção dos exemplares investigados houve sempre a preocupação de consultar ao menos dois periódicos diferentes por semestre. Essa proposta inicial, somada ao fato de alguns exemplares estarem interditados para consulta (necessitando de restauração) resultou na variedade de jornais pesquisados.

No final do século XIX, os periódicos consultados possuíam apenas quatro páginas. No acervo do CDOV estes exemplares encontram-se agrupados e encadernados por semestre. Durante a coleta de dados, as notícias veiculadas pela imprensa foram copiadas e digitadas para formar o banco de dados do estudo. A partir dessa etapa, foram agrupadas por tema tratado e por periódico. A comunicação da imprensa possuía duas categorias: os anúncios veiculados pela Companhia Hidráulica para informar à população questões de seu interesse e os anúncios sobre a empresa (reclamações, comentários sobre as obras etc.).

Nesse universo pesquisado, as informações mais significativas para este estudo foram aquelas que tratavam das obras da empresa. A partir da sistematização do material coletado foram abordados os aspectos mais relevantes em relação à edificação construída junto à represa do arroio Moreira, abordados neste ensaio.

A Cidade de Pelotas no Final do Século XIX

A cidade de Pelotas situa-se na região sul do estado do Rio Grande do Sul (Figura 1). Em 1812 foi criada a freguesia de São Francisco de Paula, em homenagem ao santo de mesmo nome. A freguesia foi elevada à condição de vila em 1832 e, após três anos (em 1835) foi publicada a lei que a tornava cidade de Pelotas.

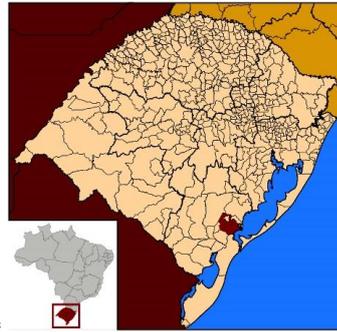


Figura 1 – Localização de Pelotas no Estado do Rio Grande do Sul (mapa maior) e do Rio Grande do Sul em relação ao Brasil

Fonte: Pelotas, 2014

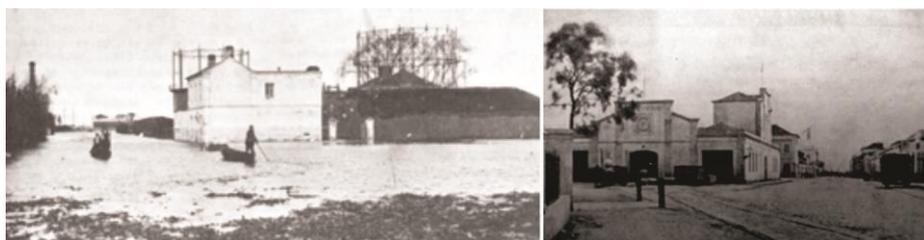
No final do século XIX, a cidade possuía como principal atividade econômica a produção da indústria saladeiril, que contava com vários estabelecimentos charqueadores localizados às margens do arroio Pelotas e do canal de São Gonçalo (GUTIERREZ, 2010).

A riqueza oriunda das charqueadas impulsionou o desenvolvimento da cidade. Este período foi marcado pela presença de uma série de obras de infraestrutura urbana, como acontecia nas demais cidades brasileiras. Foram instaladas as redes de telégrafo, de telefonia e de iluminação pública a gás; foram implantadas as linhas urbanas de transporte público (bondes) e a linha férrea que ligava Rio Grande a Bagé, passando por Pelotas. E a obra mais importante para este recorte da pesquisa, a incorporação da Companhia Hydraulica Pelotense no ano de 1871, destinada a suprir o abastecimento de água encanada na cidade.

Fazendo uma contextualização arquitetônica, observa-se que a Casa de Máquinas da Companhia é um dos primeiros edifícios dessa tipologia industrial na cidade, sendo próxima e contemporânea da Estação Férrea de Pelotas, inaugurada em 1894.

Outras edificações desta tipologia, construídas na época de implantação da Hidráulica não possuem remanescentes na cidade, como o Gasômetro (Figura 2), cuja inauguração ocorreu em 1875 e a estação central da Companhia Ferro Carril e Cais de Pelotas, cuja edificação estava em andamento em 1872 (Figura 3). Sobre elas restam apenas os registros fotográficos.

Figuras 2 e 3 - Gasômetro de Pelotas e Estação Central da Companhia Ferro Carril e Cais



Fonte: MAGALHÃES, 1989 (Figura 2) e ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE, 1920 (Figura 3)

Quanto às indústrias propriamente ditas, as edificações localizaram-se em duas regiões: as margens do arroio Santa Bárbara e na zona portuária de Pelotas. As edificações mais significativas que configuram a paisagem urbana da cidade a partir do início do século XX localizam-se justamente na zona portuária. Entre essas obras, destacam-se o conjunto arquitetônico da Companhia Fiação & Tecidos Pelotense (construída entre os anos de 1908 e 1910) e a Cervejaria Rio-Grandense de Pelotas (cujas primeiras obras datam de 1889), citados por MOURA (1998).

A arquitetura residencial e institucional do período possui exemplares de relevância cultural, construídos anteriormente ao recorte desta pesquisa. Entre eles destaca-se o conjunto de casarões localizados na praça Coronel Pedro Osório, protegido no âmbito federal: o Casarão nº 8, antiga residência do Conselheiro Francisco Antunes Maciel, o Casarão nº 6, antiga residência de Leopoldo Antunes Maciel (ambos edificadas na década de 1870) e o Casarão nº 2, residência construída pelo charqueador José Vieira Viana, depois adquirida pelo chamado Barão de Butuí, que a deu de presente ao seu primogênito (reformado em 1880 com o objetivo de “modernizá-lo”); o edifício da atual Prefeitura de Pelotas (1881) e a Biblioteca Pública Pelotense, inaugurada definitivamente em 1888. Todas as edificações aqui mencionadas localizam-se na praça Coronel Pedro Osório. Moura (1998, p.76) relata que a arquitetura desta época possui

uma característica importante, presente nas residências pelotenses do final do século passado, [que] diz respeito ao abandono dos modelos formais e plásticos da arquitetura colonial portuguesa e a sua substituição por outros, baseados na arquitetura de tradição clássica, com forte influência da renascença italiana.

Apesar de ter sido projetada num período muito próximo às edificações citadas acima, a Casa de Máquinas da Hidráulica Pelotense possui uma linguagem que a diferencia da arquitetura que estava sendo edificada na cidade.

A Companhia Hydraulica Pelotense

Em 10 de maio de 1871 foi firmado o contrato entre o empresário Hygino Corrêa Durão e o Governo Provincial, com o intuito de suprir o abastecimento de água encanada na cidade de Pelotas. Durão incorporou a Companhia Hydraulica Pelotense, empresa particular que abasteceu a cidade de Pelotas com água potável desde a segunda metade do século XIX até o início do século XX.

O projeto inicial da Companhia previa a construção da represa e tanques junto ao arroio Moreira. Na área urbana, foram implantadas a Torre de Depósito - Caixa d'água situada na atual praça Piratinino de Almeida (Figura 4) - e os quatro chafarizes de ferro fundido. O mais imponente - a Fonte das Nereidas - foi instalado no centro da praça Coronel Pedro Osório (Figura 5). O contrato também contemplava a possibilidade da instalação de penas d'água nas edificações, através do pagamento de uma taxa fixa, independente do consumo do usuário. Já nessa fase de instalação a empresa teve dificuldades em cumprir os prazos estabelecidos no contrato com o governo, o que a levou a atrasos nos pagamentos dos juros aos acionistas.

Figuras 4 e 5 – Imagem após restauro da caixa d'água da praça Piratinino de Almeida e do chafariz Fonte das Nereidas



Fonte: acervo de Anderson Pires Aires, 2013

O aumento do número de usuários e o desperdício de água pela população foram problemas enfrentados pela Hidráulica ao longo dos anos. Na última década do século XIX a empresa buscou solucionar o problema, contratando diversos profissionais para elaborar estudos e propor alternativas para o abastecimento da cidade (SILVEIRA, 2009). Esses

profissionais foram o engenheiro Luiz Witzschel (1881), o engenheiro Fernando de Mattos (1887) e os engenheiros Georges Espinasse e Howyan, e o engenheiro Victor Francisco de Braga Mello (1891). Finalmente a empresa contratou o engenheiro Leon Cassan, que elaborou a proposta de ampliação da rede de água encanada estudada neste ensaio.

A Casa de Máquinas da Companhia Hydraulica Pelotense

O edifício da antiga Companhia Hydraulica Pelotense (Figura 6) foi construído no período entre 1891 e 1894, durante as obras de ampliação da rede de água encanada em Pelotas. O edifício situa-se a aproximadamente vinte quilômetros do centro desta cidade.

Figura 6 – Vista da fachada principal da Casa de Máquinas da Hydraulica Pelotense



Fonte: acervo de Carolina Ritter, 2013

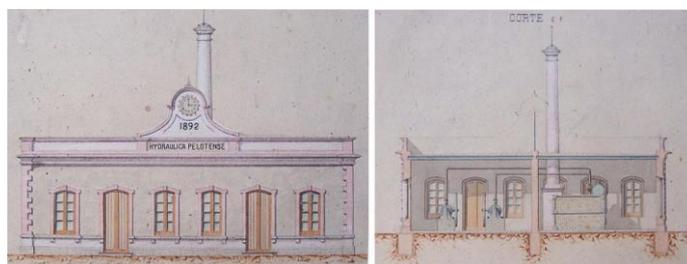
O projeto da edificação da Casa de Máquinas foi elaborado pelo engenheiro Leon Cassan, em 1892 (RELATÓRIO, 1893). Através de pesquisas em fontes primárias - entre elas os relatórios anuais da Companhia Hidráulica e os periódicos que estavam em circulação na cidade (imprensa diária) -, buscou-se encontrar maiores informações sobre o profissional responsável pela obra e sobre a edificação em si. Nessa perspectiva, pretendia-se identificar o local de sua formação profissional, informação que poderia contribuir para entender os princípios formais e as soluções projetuais que orientaram a concepção da obra. Até o momento essas informações não foram encontradas.

A qualidade gráfica do projeto arquitetônico elaborado por Cassan foi um dos motivos que instigou esses questionamentos. Além disso, uma análise preliminar da obra edificada demonstra que mesmo possuindo função industrial, manifesta intenção estética, pelo cuidado de seus acabamentos e uso de materiais diversos. Foi justamente a qualidade estética dessa

arquitetura, inserida em um contexto afastado do cotidiano da cidade, que chamou atenção para a edificação e motivou a realização de uma análise formal mais aprofundada da obra (RITTER; JANTZEN; SILVEIRA, 2013).

Essa análise foi realizada a partir do projeto arquitetônico elaborado por Cassan. O projeto encontrado foi um conjunto de quatro desenhos, todos representados em uma única prancha: a fachada principal (Figura 7), que serviu de suporte para a análise compositiva; a fachada lateral; o corte longitudinal e o corte transversal (Figura 8). A planta baixa não foi encontrada.

Figuras 7 e 8 – Desenho da fachada principal e do corte transversal, de autoria de Leon Cassan



Fonte: CASSAN, 1891

O resultado da análise formal da fachada do edifício demonstrou a sua qualidade compositiva, evidenciando que o edifício foi projetado por um profissional que possuía os conhecimentos acadêmicos da época e que merecia nossa atenção.

A Imprensa como Possibilidade de Investigação

Neste estudo, a ênfase foi ampliar a compreensão do objeto de estudo a partir da investigação das informações veiculadas pela imprensa local. As notícias divulgadas nos periódicos pesquisados contemplaram diversos aspectos sobre as obras: questões econômicas, políticas, informações sobre o andamento das obras, contratação de mão de obra, entre outras. Este item tratará da análise e discussão dessas informações (Figura 9).

A etapa de apropriação, reflexão e contextualização das informações obtidas foi realizada após o término da coleta de dados. Inicialmente, os dados coletados foram separados em duas categorias: a) os anúncios veiculados pela companhia, que tratavam de informes, anúncios e declarações dirigidas à população; e b) as notas elaboradas por iniciativa da população ou dos próprios editores do jornal, que podiam ser dirigidas especificamente aos

responsáveis pela empresa ou que apontavam aspectos positivos e negativos sobre os serviços prestados pela Hidráulica.

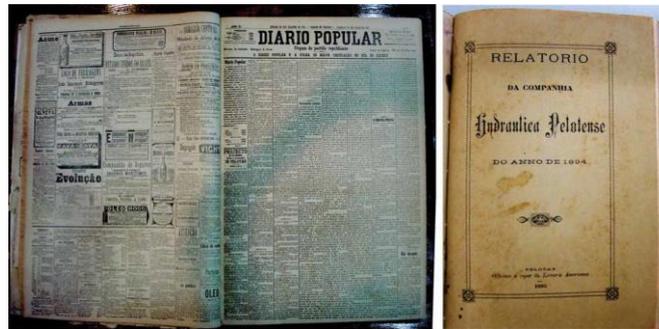
Quanto aos anúncios veiculados por parte da Companhia, alguns precisavam ser divulgados com certa periodicidade. Os exemplos mais encontrados referiam-se a lavagem do reservatório, ao corte do abastecimento por atraso no pagamento das contas de água, a realização de assembleias, ao pagamento de dividendos aos acionistas entre outros. Notícias desse caráter eram divulgadas com dias de antecedência, repetidas em várias edições, até sua realização ou prazo final. Notícias extraordinárias também foram encontradas e relacionavam-se, geralmente, a possíveis interrupções no abastecimento ou a necessidade de racionamento de água.

A companhia comunicava aos seus acionistas, através da imprensa, que os relatórios anuais, balanço e lista de acionistas atualizada encontravam-se disponíveis para consulta no escritório da empresa. Os relatórios do exercício anterior eram apresentados anualmente à Assembleia Geral no começo de ano, geralmente no mês de março. Nessa Assembleia Geral Ordinária eram aprovados os seguintes documentos, referentes ao exercício fiscal anterior: relatório, balanço e parecer do conselho fiscal da empresa. Nesse período ocorria também a eleição da diretoria da empresa. Transcrevemos o relato da assembleia que trata das primeiras discussões sobre as obras de ampliação da rede:

De ordem da diretoria são convidados os Srs. acionistas e os subscritores das novas ações para a reunião de assembleia geral no dia 16 do corrente ao meio dia na praça do Comércio, a fim de tratar-se da reforma dos estatutos em consequência do aumento de capital, aprovar a avaliação dos peritos e resolver sobre a forma de serem feitas as novas obras. Pelotas, 12 de julho de 1892. Pereira Sobrinho (DIÁRIO POPULAR, 12 de julho de 1892).

A descrição desses documentos e suas abordagens já foram tratadas em outros estudos que contemplam o mesmo recorte temporal, mas usam como fonte primária a documentação oficial (Figura 10) da empresa (SILVEIRA, 2009). Por esse motivo, não trataremos com muita ênfase de suas descrições.

Figuras 10 e 11 – Diário Popular, contracapa e capa, segundo semestre de 1892. Relatório da Companhia Hidráulica Pelotense do *anno* de 1894



Fonte: acervo do Centro de Documentação de Obras Valiosas, 1892 (Figura 9) e do Serviço Autônomo de Saneamento de Pelotas, 1894 (Figura 10)

Os avisos sobre a lavagem do reservatório foram uma informação constante e regular na imprensa. Eram publicados no Nacional, no Diário Popular e no Correio Mercantil. Percebe-se a importância de atingir o maior número de leitores possível com a informação. Nos meses próximos a estação do verão a lavagem do reservatório ocorria aproximadamente a cada quinze dias; já no resto do ano, era realizada uma vez por mês. Apesar do número significativo de notícias, não foi possível encontrar a informação de qual reservatório a empresa estava se referindo (aqueles junto à represa ou a torre metálica, ou ambos), mas suspeita-se que seja a Torre do Depósito, localizada na praça Piratinino de Almeida. As declarações divulgadas nos periódicos informavam ainda o período de interrupção do abastecimento, que era de aproximadamente um dia.

Declarações: Hydraulica Pelotense. Previne-se aos Srs. Consumidores que tendo de se proceder a lavagem do reservatório, será fechado o encanamento geral, domingo 1º de fevereiro ao meio dia, e aberto novamente na segunda-feira imediata as horas de costume. Pelotas, 31 de janeiro de 1891. O gerente, Pereira Sobrinho (NACIONAL, 31 de janeiro de 1891).

Os três periódicos pesquisados (Nacional, Diário Popular e Correio Mercantil) divulgavam os prazos máximos para pagamento dos possuidores das penas d'água, como eram chamados os pontos de água nas residências. As cobranças eram realizadas a cada trimestre. Não foram encontradas declarações de todos os trimestres do período pesquisado,

mas as existentes permitem afirmar que o pagamento deveria ser realizado antes do fechamento de cada trimestre. Como exemplo, um serviço prestado no período de abril a junho deveria ser pago antes do fim do mês de junho. A inadimplência dos consumidores levava a interrupção do fornecimento de água.

O pagamento semestral dos dividendos aos acionistas também era comunicado através da imprensa. Por exemplo, a declaração da Hidráulica Pelotense esclarecia: “Pagamento do 38º dividendo a partir de amanhã no escritório da Companhia, das 11 às 14 horas, correspondente ao semestre de julho a dezembro p. p. [próximo passado] a razão de 9\$800 [réis] por ação. Pelotas, 20 de janeiro de 1891. O gerente” (DIÁRIO POPULAR, 20 de janeiro de 1891).

Alguns temas publicados possuíam caráter extraordinário. Geralmente estavam vinculados a demandas da população ou tratavam de avisos para os usuários.

Um dos assuntos mais encontrados nos periódicos estava relacionado à irregularidade no abastecimento de água por parte da Companhia. As obras de ampliação estavam sendo realizadas justamente com o intuito de sanar estes problemas, mas observou-se em todo o período pesquisado, inclusive após a conclusão das obras, a insatisfação da população em relação aos serviços prestados pelo Hydraulica.

O problema de falta de água é reconhecido pela própria Companhia, pois o gerente chegou a divulgar uma nota na imprensa, em 1894, solicitando aos usuários que não estavam sendo abastecidos com a demanda mínima necessária, que entrassem em contato com a empresa para estudar a possibilidade de cobrança de um preço proporcional à quantidade de água que estava realmente sendo disponibilizada para o consumo.

No ano de 1894 constatou-se a ocorrência de vários rompimentos nas tubulações que repercutiram na imprensa, possivelmente em função do aumento da pressão na rede, após a instalação das novas máquinas à vapor.

A população também reclamava da qualidade da água disponibilizada pela Hydraulica. No final de 1890, o Intendente Municipal acompanhou a realização de vistoria na represa e divulgou no Diário Popular que a água encontrava-se em perfeito estado de limpeza. A notícia afirmava que esta se encontrava em condições de ser consumida, após ser filtrada ou fervida;

para a companhia, era impossível torná-la totalmente potável, por ser proveniente de um arroio (DIÁRIO POPULAR, 23 e 30 de dezembro de 1890).

Uma discussão importante que aconteceu em 1894 demonstrou a força que a imprensa tinha na época, e seu papel de propagadora dos interesses da população. O tema era o aumento do preço das penas d'água. O Diário Popular noticiava a proposta da diretoria

de elevar-se o preço das penas inteiras a 5\$000 [réis] mensais e a 2\$500 [réis] o das meias penas [antes do aumento o preço era de 4\$000 e 2\$000] (...) também foi deliberado que todos os prédios, cujo aluguel mensal seja superior a 20\$000 [quanto a este valor ocorreram divergências em várias notícias], sejam obrigados a ter penas inteiras, no caso de consumirem eles água da companhia, a contar de 1º de abril em diante (DIÁRIO POPULAR, 16 de março de 1894).

Esta notícia gerou uma série de discussões veiculadas pelo Diário Popular. A imprensa defendia os interesses do público, divulgando notas assinadas com o pseudônimo de B. de Sylves, que se mostrava indignado com o aumento proposto pela empresa. Por outro lado, a diretoria da Hydraulica justificava o aumento, apresentando argumentos sobre a decisão tomada, como aumento nos salários dos funcionários e no capital investido nas novas obras. A empresa apresentava como alternativa para aqueles que não quisessem se submeter “as condições que a companhia entender necessárias para garantir uma renda razoável ao capital empregado, tem o seu direito salvo de não aceitá-las e suprir-se de água no chafariz pelo preço do contrato”. A empresa mencionava ainda que, se não fossem os desperdícios de água por parte da população, “a companhia não teria a necessidade de por alguns anos ainda fazer os melhoramentos em construção” (DIÁRIO POPULAR, 5 de abril de 1894).

A imprensa publicava opiniões contrárias a posição da Companhia, tanto no Diário Popular como no Correio Mercantil:

Por maior que seja a consideração que possam merecer os estimáveis cavalheiros que subscrevem a exposição que ontem fez pelas colunas desta folha a diretoria da Companhia Hydraulica, não vai ela ao excesso de abdicarmos o direito de discussão, deixando ao abandono os interesses da população (...) É por isso que, compenetrados da alta

missão de imprensa, apressamo-nos em opor às pretensões da companhia as considerações que nos suscitou a leitura da sua exposição (DIÁRIO POPULAR, 6 de abril de 1894).

A nota contesta todos os pontos que a Companhia apresentava a seu favor, justificando o aumento das mensalidades. Após várias discussões por intermédio da imprensa, a Hydraulica informava que suspendeu a resolução tomada de aumentar os preços.

Registrando este fato, que veio assim ao encontro dessas reclamações feitas pela imprensa e pelo público, em geral, só temos aplausos para essa tão justa resolução, cabendo-nos nesta ocasião, agradecer aos ilustres escritores que nos auxiliaram na defesa do interesse público, especialmente ao nosso distinto amigo Sr. Antonio Rodrigues de Souza, que, sob o pseudônimo de <B. de Syles>, escreveu uma série de luminosos artigos (DIÁRIO POPULAR, 26 de abril de 1894).

O aumento foi adiado para o início do ano de 1895, período em que novamente voltaram a ser divulgadas reclamações da população sobre o tema.

As Obras de Ampliação da Rede de Água Encanada e sua Abordagem pela Imprensa: Novos Olhares sobre a Casa de Máquinas

A primeira notícia encontrada sobre as obras foi publicada em outubro de 1890, quando uma nota veiculada pela empresa convidava os acionistas a conhecerem o relatório, as plantas e os orçamentos das novas obras realizados pelo engenheiro Victor Francisco Braga de Melo, para resolverem sobre a sua execução (DIÁRIO POPULAR, 18 de outubro de 1890).

Braga de Melo não entregou a documentação necessária para a aprovação das obras junto ao governo. No segundo de semestre de 1891 foi divulgada a seguinte notícia:

Hydraulica Pelotense

Teve ontem lugar a seção de assembleia geral desta empresa convocada para tratar-se do assunto – novas obras, sendo apresentados

os planos e estudos do engenheiro Braga Mello. A diretoria foi autorizada a contratar um profissional habilitado para rever e aperfeiçoar esse importante trabalho, que será remetido ao governo deste estado, a fim de ser aprovado (DIÁRIO POPULAR, 23 de agosto de 1891).

A referência a outro profissional ocorreu em março de 1892, quando a imprensa veiculava que “(...) foi deliberado que se fizesse as novas obras, sendo autorizado a trazer da Europa o material necessário para a montagem de um tanque o engenheiro Sr. Leon Cassan” (DIÁRIO POPULAR, 25 de março de 1892). No dia seguinte era divulgada a realização de uma assembleia para os acionistas tomarem conhecimento das novas obras e discutirem a integralização do capital necessário para realizá-las.

Em outubro a diretoria divulgava uma concorrência para a execução das obras, informando que estavam à disposição, no escritório da empresa, as plantas, orçamentos e condições fornecidas pela companhia (DIÁRIO POPULAR, 5 de outubro de 1891). Alguns dias depois verificou-se que foram “preferidas as propostas dos Srs. Antonio Santos e Angelo Zanotta, por serem as mais vantajosas” (DIÁRIO POPULAR, 28 de outubro de 1891).

No mês seguinte, noticiava-se a viagem de Leon Cassan, juntamente com sua esposa Eogracia Moreira Rosa e sua filha para a capital uruguaia, de onde partiriam para a Europa, para encomendarem os materiais e os acessórios para as obras. (DIÁRIO POPULAR, 23 de novembro de 1892). No dia 30 de dezembro de 1892 a empresa publicava uma nota relatando que já havia iniciado as “obras de regularização do fornecimento d’água, na Serra”. Um novo tanque já estava concluído e a empresa tentava finalizar as obras o mais breve possível. (DIÁRIO POPULAR, 30 de dezembro de 1892). O relatório da empresa de 1892 destacava que Cassan, antes de viajar para o exterior, deixara instruções para a “construção das paredes laterais do reservatório e escavação dos mesmos, escavação dos taludes dos tanques antigos para colocação dos filtros, escavação dos alicerces da casa de máquinas, escavação dos alicerces para assentamento da torre de ferro, extração da pedra necessária e preparo da cantaria” (RELATÓRIO, 1892).

O retorno do engenheiro ocorreu em abril de 1893, quando começaram os trabalhos “das novas e importantes obras e reformas da companhia” (DIÁRIO POPULAR, 24 de abril de 1893).

Durante a realização dessas obras, a contratação de mão de obra foi um problema enfrentado pela empresa, que repercutiu em atraso nos prazos previstos para a conclusão dos trabalhos. Essa situação deve-se ao fato de que dentro do recorte do estudo, mais precisamente a partir de 1893 (período em que estão sendo realizadas as obras da Hidráulica) eclodiu a Revolução Federalista, que acabou direcionando parte da mão de obra para lutar na revolução. Nos relatórios da empresa, esta problemática era apresentada para os acionistas (SILVEIRA, 2009).

As tentativas da empresa em contratar trabalhadores para as obras foram verificadas na imprensa: em 1893 foram encontrados anúncios nos meses de agosto e setembro e, em 1894, em março e setembro. “Na conhecida casa - *As duas mil peneiras* dá-se informações de quem precisa de trabalhadores para as obras da Hydraulica Pelotense” (DIÁRIO POPULAR, 22 de setembro de 1893). Nesse período, foi possível constatar que as notícias sobre a revolução ocuparam um grande espaço nos jornais.

Somente em maio de 1894 os responsáveis pelas redações do Diário Popular e do Correio Mercantil foram convidados a visitar a represa da Companhia, para relatarem suas impressões sobre o andamento das obras. Os redatores foram recebidos pelo gerente na época José Diogo Brochado, por Leon Cassan e sua esposa. Os representantes dos dois jornais ficaram admirados com as novas instalações e elogiaram o empreendimento. Através desses relatos constatamos que Leon Cassan era engenheiro hidráulico, única informação específica encontrada sobre o autor das obras.

O Correio Mercantil dividiu em duas partes o relato da visita: a primeira com as impressões da redação e a segunda com uma descrição técnica, fornecida pelo engenheiro; já o Diário Popular mesclou os dois aspectos em apenas uma edição. Nesses relatos, a edificação da Casa de Máquinas foi mencionada pelos dois redatores:

Nada mais simples e melhor efeito do que o edifício das máquinas, cuja área é de 350 metros quadrados (...) o pavimento do edifício das

máquinas fica a 2,5m acima do nível da água dos reservatórios e é feito de alvenaria (...) para facilitar o serviço, o plano superior do terreno está ligado à sotéa por uma bonita ponte de ferro, digna de ser admirada por sua solidez e elegância [Figura 11] (DIÁRIO POPULAR, 11 de maio de 1894).

A casa das máquinas esta construída com o maior capricho e conforto, sendo de notar que o tijolo empregado nela, na alterosa chaminé e compartimentos, foi fabricado na própria Hydraulica, em uma olaria provisória mandada construir sob a direção do Sr. Dr. Leon Cassan, o que trouxe à Companhia, pela diferença dos preços de transporte, uma grande economia (...) a pedra de cantaria e o mosaico que fazem o revestimento exterior, dão ao edifício um lindo aspecto (CORREIO MERCANTIL, 12 de maio de 1894).

A descrição da torre metálica, que abrigava o reservatório superior da represa, citava que a obra foi construída com o sistema chamado na época de *Eiffel*, formado por uma estrutura com tirantes em diagonais. Segundo Cassan, o desnível entre este reservatório e o da praça Piratinino de Almeida era de 65,40 metros, medida que, segundo ele, garantiria o abastecimento de água em qualquer edifício da cidade, por mais alto que fosse (DIÁRIO POPULAR, 11 de maio de 1894).

Vista à distância, é quase insignificante a impressão que produz: mas de perto aquela (...) imensa de ferro, avançando para o céu, causa até vertigem a quem a olha [Figura 12] Não obstante, os operários de todas as idades, inclusive meninos, guindam-se pelas suas íngremes escadas, com a maior facilidade e sangue frio até o último plano, e ali trabalham no aparafusamento das chapas da caixa, como se estivessem no solo (CORREIO MERCANTIL, 12 de maio de 1894).

Figuras 11 e 12 – Ponte de ferro e Torre Metálica do reservatório superior



Fonte: acervo de Carolina Ritter, 2013

O Correio Mercantil (1894) esclarecia os leitores sobre as obras de ampliação, elencando: o aumento do número de tanques (existiam dois e foram construídos mais dois); o aumento do encanamento (possivelmente tratava-se da rede da cidade); a construção de uma torre metálica e a instalação das máquinas.

Em janeiro de 1895, o responsável por esse periódico realizava outra visita às instalações, acompanhado do fotógrafo Augusto Amoretty, que tirou fotografias do local para ficarem expostas no escritório da redação do jornal. O redator novamente apresentava informações técnicas sobre os trabalhos realizados e elogiava as obras “pela grandiosidade e pelo acerto com que aquele distinto engenheiro hidráulico concebeu e realizou o vasto plano de reformas das obras necessárias, para o abastecimento de água” (CORREIO MERCANTIL, 13 de janeiro de 1895). Especificamente sobre a Casa de Máquinas, referia-se a “um belo edifício, construído com toda a solidez e elegância” (CORREIO MERCANTIL, 13 de janeiro de 1895).

Repercussões da Obra no Contexto Regional

A pesquisa no jornal riograndino Echo do Sul permitiu que fossem investigadas as repercussões das obras da Hidráulica Pelotense na cidade vizinha. Neste periódico foram encontradas informações sobre as Companhias Hidráulicas Pelotense, Rio-Grandense e Guaybense (de Porto Alegre), proporcionando o conhecimento do que acontecia nas proximidades em relação à mesma problemática: o abastecimento de água potável encanada. Constatou-se que os problemas enfrentados pela Hidráulica de Pelotas eram os mesmos da Hidráulica Rio-Grandense. As duas empresas apresentavam particularidades desde a sua criação, sendo que ambas foram implantadas pelo empresário Hygino Corrêa Durão (a primeira individualmente e a segunda em parceria com João Frick). Essas empresas mantiveram essa relação de semelhança ainda no final do século XIX, como pode ser percebido na atuação do engenheiro Leon Cassan, que trabalhou em Pelotas e Rio Grande.

Assim como ocorria em Pelotas, a população de Rio Grande também reclamava da falta d’água, e alegava que só tinha água “quando chovia”. Além disso, através da imprensa

os riograndinos acusavam a Intendência Municipal de não tomar providências sobre o assunto, fato que também foi mencionado pelo pseudônimo B. de Sylves sobre a Hidráulica de Pelotas (ECHO DO SUL, 13 de janeiro de 1894).

O Echo do Sul relatava ainda a conclusão das obras de melhoramento realizadas pela Hydraulica Guahybense, parabenizando a população da capital pelo acontecimento. Porto Alegre foi a primeira cidade do Rio Grande do Sul abastecida com rede de água encanada, através da incorporação da Hidráulica Porto-Alegrense, em 1862. A ampliação da rede de abastecimento ocorreu com a instalação da Hydraulica Guahybense no bairro Moinhos de Vento, em 1877 (SILVEIRA, 2009).

Ao publicar notas sobre as obras realizadas nas cidades vizinhas – Porto Alegre e Pelotas -, o Echo do Sul questionava a empresa riograndina sobre a problemática local, já que percebia que a Hydraulica Rio-Grandense, assim como as demais empresas citadas, também demandava a realização de obras de melhoramentos.

Nessa perspectiva, o periódico divulgava uma nota do Correio Mercantil, anunciando a chegada dos vapores Troya e Roma com o material encomendado por Leon Cassan para a represa do arroio Moreira, aproveitando para questionar: “e a Hydraulica Rio-Grandense o que terá feito?” (ECHO DO SUL, 24 de agosto de 1893). A constatação do redator era que a empresa continuaria incapaz de fornecer a quantidade de água necessária aos consumidores no próximo verão.

Considerações Finais

A construção da Casa de Máquinas e a instalação da Torre Metálica junto ao arroio Moreira foram as soluções apresentadas por Leon Cassan para solucionar os problemas de falta d’água e de pressão na tubulação da Hidráulica Pelotense. Essas obras tinham o intuito de abastecer satisfatoriamente uma população de quase cinquenta mil habitantes.

Importa salientar que, apesar das ampliações realizadas no final do século, o sistema de água encanada não viabilizava a instalação de uma rede de esgotos, que foi implantada em Pelotas apenas no início do século XX, após a municipalização da Companhia Hydraulica Pelotense (SILVEIRA, 2009).

Através deste trabalho foi possível conhecer um pouco da trajetória da Companhia Hidráulica Pelotense, em especial a partir da reflexão e compreensão das obras de ampliação da rede de água encanada. Além disso, ao investigar as notícias veiculadas pela imprensa, foi possível entender a repercussão dos serviços de abastecimento de água encanada na cidade e as decisões da empresa relativas às demandas da população. A contextualização histórica no âmbito regional demonstrou que os problemas enfrentados pela Hidráulica Pelotense eram similares aos de outras empresas implantadas na mesma época.

Os questionamentos e inquietações que motivaram este estudo buscaram destacar a importância das obras de abastecimento de água no século XIX, salientando a relevância de preservar a memória de um dos principais remanescentes arquitetônicos das obras de ampliação da rede no final do século XIX: a Casa de Máquinas da represa do arroio Moreira, um exemplar significativo do patrimônio arquitetônico da industrialização da cidade de Pelotas.

O relato deste estudo, além de contribuir para o conhecimento e preservação da arquitetura industrial de Pelotas, busca incentivar futuras pesquisas em relação ao edifício e seu projetista, e instigar estudos similares sobre outras edificações industriais que possuem valor histórico e/ ou cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GARCIA, Sônia Tavares; LONER, Beatriz Ana. Relação de jornais existentes na Biblioteca Pública Pelotense. **História em Revista**, Pelotas, v. 6, p. 133-164, 2000.

GUTIERREZ, Ester Judite Bendjouya. **Sítio Charqueador Pelotense**. Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2010.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Algumas questões relativas ao patrimônio industrial e à sua preservação**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=527>>. Acesso em: 19 de set. de 2013.

LOPES, Aristeu Elisandro Machado. **Notícias de uma guerra: a Revolução Federalista de 1893 nas páginas do jornal Diário Popular**, Pelotas-RS. 2013a. Disponível em: <http://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364655571_ARQUIVO_artigoAristeuLopesANPUHNatal.pdf>. Acesso em: 17 de jan. de 2014.

_____. Republicanos Versus Federalistas: a Revolução Federalista de 1893 em Bagé - RS nas páginas da imprensa diária do Rio Grande do Sul. **Anais Eletrônicos do II Congresso Internacional de História Regional**. 2013b. Disponível em <http://www.upf.br/historiaregional/index.php?option=com_content&view=article&id=16&Itemid=14>. Acesso em: 19 de jan. de 2014.

_____, Aristeu Elisandro Machado. Traços da República: representações da Proclamação da República nas páginas do periódico ilustrado A Ventarola. **História em Revista**, Pelotas, p. 29-59, vol. 12/13, 2006/2007.

LUCA, Tania Regina de. Fontes Impressas, História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2010, p.111-153.

MAGALHÃES, Néelson Nobre. **Pelotas Memória**. Pelotas: s.ed., 1989. Fascículo III, p.17.

MOURA, Rosa Maria Garcia Rolim. **100 Imagens da Arquitetura Pelotense**. Pelotas: Pallotti, 1998.

PELOTAS. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pelotas>. Acesso em: 25 de jun. de 2014.

RITTER, Carolina; SILVEIRA, Aline Montagna da; JANTZEN, Sylvio Arnoldo Dick. Análise formal da Casa de Máquinas na represa do arroio Moreira. In: 7º SIMP Seminário Internacional em Memória e Patrimônio. Pelotas. **Caderno de Resumos**. UFPel, 2013. Disponível em: <http://ich.ufpel.edu.br/simp/7/arquivos/caderno_resumos.pdf>. Acesso em: 03 de abr. de 2014.

SILVEIRA, Aline Montagna da. **De fontes e aguadeiros à penas d'água: reflexões sobre o sistema de abastecimento de água e as transformações da arquitetura residencial do final do século XIX em Pelotas – RS**. 2009. 340f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FONTES:

Biblioteca Pública Pelotense (BPP). Centro de Documentação e Obras Valiosas (CDOV). Pelotas – RS

DIÁRIO POPULAR, 5 de abril de 1894

DIÁRIO POPULAR, 6 de abril de 1894

DIÁRIO POPULAR, 24 de abril de 1893

DIÁRIO POPULAR, 26 de abril de 1894

DIÁRIO POPULAR, 23 de agosto de 1891

DIÁRIO POPULAR, 23 e 30 de dezembro de 1890

DIÁRIO POPULAR, 30 de dezembro de 1892
DIÁRIO POPULAR, 20 de janeiro de 1891
DIÁRIO POPULAR, 12 de julho de 1892
DIÁRIO POPULAR, 16 de março de 1894
DIÁRIO POPULAR, 25 de março de 1892
DIÁRIO POPULAR, 11 de maio de 1894
DIÁRIO POPULAR, 23 de novembro de 1892
DIÁRIO POPULAR, 5 de outubro de 1891
DIÁRIO POPULAR, 18 de outubro de 1890
DIÁRIO POPULAR, 28 de outubro de 1891
DIÁRIO POPULAR, 22 de setembro de 1893
CORREIO MERCANTIL, 13 de janeiro de 1895
CORREIO MERCANTIL, 12 de maio de 1894
ECHO DO SUL, 24 de agosto de 1893
ECHO DO SUL, 13 de janeiro de 1894
NACIONAL, 31 de janeiro de 1891

Serviço Autônomo de Saneamento de Pelotas (SANEP). Pelotas – RS

CASSAN, Leon. Edifício das máquinas, caldeiras, bombas e oficinas. Escala 1:100. **Represa do Moreira. Projeto arquitetônico.** Elevação lateral, elevação principal, corte ABCD e corte EF. Pelotas, dezembro de 1891.

ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE, nº 13, anno II, 1920, p.10.

RELATÓRIO da Companhia Hidráulica Pelotense do ano de 1892. Pelotas: Typ. A Vapor da Livraria Americana, 1893.